

“A relação entre Ciência, Filosofia e Teologia na Introdução das *Lições sobre História da Filosofia* de Hegel”

Francisco Jose da Silva

Mestre em Filosofia – UFC Cariri

Introdução

Compreendemos por teologia, o saber ou discurso (logos) sobre Deus (Theos), esta ciência teve seu desenvolvimento nos primeiros séculos da era cristã, mas precisamente com os Padres da Igreja, os quais buscaram compreender o discurso da fé, a partir das categorias oriundas do saber filosófico grego. Desde seus inícios a teologia tem entrado em confronto com a filosofia, disputando a preeminência do saber sobre o absoluto, já em Aristóteles o termo *teologia* diz respeito à ciência mais universal e primeira, que trata daquilo que ele denomina ‘motor imóvel’ (akineton kinoun), ou Deus¹.

Podemos sem duvida encontrar anteriormente a criação da teologia cristã, especificamente no pensamento de Fílon de Alexandria (séc.I), a primeira tentativa de fomentar um diálogo entre fé judaica e filosofia grega². Será paradigmático para o cristianismo o encontro de Paulo, no Areópago de Atenas, com os filósofos estóicos e epicuristas, o que levou ao clássico debate sobre a conciliação ou distinção entre filosofia e fé cristã³. Para alguns Padres da Igreja primitiva, como Tertuliano (séc.II), não há conciliação possível entre Fé e Razão, teologia e filosofia, Jerusalém nada tem a ver com Atenas, já para outros, como Orígenes e Clemente de Alexandria (sec.II), a filosofia surge como um pedagogo às verdades da fé, a filosofia na verdade preparou os pagãos para o encontro com a verdade revelada aos judeus⁴.

Teologia é, para o Cristianismo, saber sobre o Deus que se revela na Bíblia, sendo, pois esta mesma Bíblia, resultado de uma experiência histórica do povo judeu com Javé, esta experiência original é reinterpretada através da teologia em cada época. Durante o

¹ Aristóteles, *Metafísica*, livro XII, cap.7.

² Reale, M. *Plotino e o neoplatonismo*, SP, Loyola.

³ Cf. *Atos dos Apóstolos*, cap.17,16-34.

⁴ Frangiotti, R. *Historia da Teologia, período patrístico*, SP, Paulinas.

período medieval vemos ora uma equivalência, ora uma submissão da filosofia em relação à teologia. Na patrística, com Santo Agostinho (sec. V)⁵, e no período escolástico, com São Tomás de Aquino (sec.XIII)⁶ a relação entre ambas é pensada em referência a uma dupla via de acesso a verdade, uma pela fé e outra pela razão. Em alguns casos se enfatizará a preeminência da fé, restando à razão apenas acesso indireto a verdades que a ultrapassam, tais como a encarnação do Filho de Deus, a ressurreição, a trindade, sendo a filosofia nesse caso ‘serva’ (ancilla) da Teologia.

Na modernidade, a teologia entra em crise com o desenvolvimento das ciências naturais e seu método, já em Galileu percebemos uma redução da importância das Escrituras e da teologia na tematização das verdades da natureza, que são expressas em linguagem matemática e devem ser obtidas por meio da observação e experimentação. As ciências tendem a um saber cada vez mais específico dos elementos que compõem a natureza, e não mais uma ciência metafísica que reduziria tudo a um denominador comum. Francis Bacon, em seu *Novum Organon*, reforça esta prioridade dada à ciência experimental em vista de um maior domínio da natureza, o conhecimento desta conduz ao poder, a tecnologia será o resultado desta aplicação do saber científico. Já o filósofo francês Descartes, busca na subjetividade, no cogito, a fundamentação de uma nova metafísica, e mesmo das verdades aceitas pela fé, como a existência de Deus⁷.

Todo período iluminista será um grande protesto contra a pretensão da religião cristã e da teologia de estabelecer a verdade sobre a natureza e o homem, em detrimento das ciências naturais e da filosofia. A religião cristã e sua teologia revelada serão substituídas, ora pelo agnosticismo, ora pelo ateísmo ou ainda pelo chamado deísmo ou religião natural, a qual foi combatida por filósofos como David Hume, que não vêem a possibilidade da razão natural conhecer nenhum atributo sobre Deus, chegando com isso a aporias e pretensões ilusórias⁸. Esse reconhecimento das limitações e pretensões ilusórias da razão em relação ao conhecimento de Deus será enfatizado por Kant (1724-1804) em

⁵ Santo Agostinho. *A verdadeira religião*, cap.8. Ver ainda as *Confissões*, Livro III, 4.

⁶ São Tomás de Aquino, *Suma contra os Gentios*, Sulina.

⁷ Descartes, R. *Meditações Metafísicas*, Prefácio.

⁸ Hume, D. *Investigação acerca do Entendimento Humano*, Seção XI, ‘Da providencia particular e do estado futuro’. Ver ainda do mesmo autor, *Diálogos sobre a religião natural*.

sua *Crítica da Razão Pura*⁹, onde percebemos que nem a teologia, nem mesmo a filosofia (Metafísica) pode pronunciar verdades teóricas acerca de Deus e seus atributos, uma vez que nossos conhecimentos se dão através da experiência, ou seja, da apreensão dos dados sensíveis através das categorias do entendimento.

As idéias de Deus, do mundo e da imortalidade da alma (próprias da Metafísica) são tentativas da razão de compreender o todo da realidade, tentativas fadadas ao fracasso, dada a impossibilidade de experimentarmos estes objetos, os quais são apenas idéias da razão. Em Kant, a teologia torna-se incapaz de falar sobre Deus como objeto do pensar teórico, resta apenas a possibilidade de postular sua existência a partir das exigências racionais da moralidade.

Relação entre Ciência, Filosofia e Teologia em Hegel.

Partindo das possibilidades e limites da teologia em relação à ciência e a filosofia na modernidade, iremos acompanhar a reflexão do filósofo alemão Hegel, o qual busca determinar os lugares específicos e a relação entre a ciência natural, a filosofia, a religião e, por conseguinte, a teologia cristã.

Para isso vamos acompanhar o desenvolvimento destas questões na Introdução às *Lições sobre História da Filosofia*, em especial a parte B, capítulo II, “*A separação da filosofia das outras espécies afins de conhecimento*”¹⁰, nesta Hegel trata da relação da filosofia com a religião, este capítulo nos será útil no sentido de fornecer elementos capazes de permitir compreender a concepção hegeliana de teologia.

Em primeiro lugar, precisamos definir o conceito de ciência e sua relação com a filosofia, em seguida, a filosofia e sua relação com a religião, por fim, o lugar que a

⁹ Kant, I. *Crítica da Razão Pura*, Dialética transcendental, Livro Segundo, capítulo III, seção sétima, crítica de toda teologia a partir de princípios especulativos da razão, p.387.

¹⁰ Hegel, G.W.F. *Introdução a História da Filosofia*, tradução Antonio Pinto de Carvalho, SP, Nova Cultural, 1996, p.419 (Os pensadores).

teologia cristã ocupa nestas considerações. Como o próprio Hegel faz em sua exposição da relação entre a filosofia e as demais produções do espírito.

O primeiro é o domínio próprio da cultura científica (wissenschaftlichen Bildung) ao qual são inerentes os princípios do pensamento intelectual (verständigen Denkens). O segundo é o da mitologia e o da religião, às quais a influência da filosofia, tanto na idade grega como na idade cristã, parece haver sido freqüentemente adversa. O terceiro é o da filosofia raciocinante (rasonierenden Philosophieren) e da metafísica do intelecto (verständigen Methaphysik) (HEGEL, 1996, p.419).

É na modernidade que a ciência alcançará o reconhecimento universal, enquanto forma de saber objetiva que garante um domínio preciso da natureza e suas forças. A ciência moderna é o resultado de uma revolução metodológica que se fundamenta na observação e experimentação, aliadas ao raciocínio matemático, adquirindo assim rigor formal e tornando-se capaz de apresentar os fenômenos da natureza de uma forma objetiva segundo leis universais.

Este rigor da ciência tornou-se verdadeiro dogma que conduziu a ciência a uma condição de saber quase absoluto, o qual daria conta de toda a realidade. Esta pretensão descabida está limitada pelo tipo de objetos que a ciência estuda, os quais são finitos. Apesar dessa objetividade e rigor das ciências naturais elas não conseguem suficientemente garantir o acesso pleno a verdade absoluta, o qual não se dá apenas com a forma, mas com a compreensão do conteúdo (Inhalt).

Pelo que diz respeito às ciências em geral, o conhecimento (Erkenntnis) e o pensamento formam, sem dúvida, o elemento delas como formam o elemento da filosofia; mas os objetos (Gegenständen) das ciências são principalmente objetos finitos e fenômenos (Erscheinung). Uma coleção de fatos conhecidos em torno de tal conteúdo é, por sua natureza, excluída da filosofia, que nem se ocupa de tal conteúdo nem de tal forma (HEGEL, 1996, p.419).

É neste sentido que vemos uma ruptura da ciência moderna em relação à religião, pois a religião não é passível de tal compreensão empírica, e finita, o objeto da religião é o

infinito, o qual ultrapassa o alcance dos objetos da natureza, desta forma para os pensadores que defendem esse caráter absoluto da ciência, só pode se falar de religião como um não saber, como puro dogmatismo que não expressa nada do real, mas se reduz a fórmulas positivas da autoridade religiosa, as quais não podem ser verificadas experimentalmente nem quantificadas. Kant já havia estabelecido os limites daquilo que podemos conhecer, reduzindo este campo àquilo que é dado na sensibilidade (*Empfindlichkeit*) e, por sua vez, pensado pelo entendimento (*Verstand*), muito embora não tenha reconhecido à razão (*Vernunft*) a possibilidade de conhecer seus objetos. Esses objetos da Razão são aqueles que a Metafísica pretendia conhecer, Deus, o mundo e a alma.

A ciência revela aqueles aspectos da realidade que podem ser medidos, quantificados e objetivamente explicados, muito embora não seja capaz de dizer nada sobre o absoluto, o universal em si e para si, sobre o substancial, sobre Deus.

Do mesmo modo que a ciência é afim da filosofia, porque se refere ao conhecimento formal (*formelle, selbständige Erkenntnis*), assim a religião, precisamente porque diz respeito ao conteúdo, é o oposto deste mundo, e se aproxima da filosofia, por se dar como objeto, não o terreno (*Irdische*), nem o mundano (*Weltliche*), mas o infinito (*Unendliche*) (HEGEL, 1996, p.422-423).

Apesar da proximidade entre religião e filosofia no que diz respeito ao conteúdo, desde muito cedo houve conflito entre religião e filosofia, seja por uma incompreensão por parte dos filósofos que identificaram na religião uma forma de negação da razão, uma forma de obscurantismo, seja por uma incompreensão dos religiosos que viam no uso da razão uma ameaça a fé e seus dogmas, esta incompreensão mútua foi enfatizada nos períodos em que a religião tornou-se dominante assumindo uma perspectiva positiva, ou seja, quando suas verdades tornam-se declarações legais e imposições das autoridades religiosas. Esse conflito foi agravado com o alinhamento que se dá na modernidade entre filosofia e ciências, muito embora haja na verdade uma ruptura do saber científico em relação à filosofia.

Esta oposição, da filosofia em relação à religião e da religião em relação à filosofia, apresenta-se para Hegel como antagonismo em relação à própria filosofia enquanto busca da verdade.

A filosofia encontra oposições de dois lados: dum lado, o pietismo (Frömmigkeit) declara, como é sabido, que a razão e o pensamento, enquanto não estão em condições de conhecer a verdade, conduzem apenas para o abismo da dúvida (...). Do outro lado, é igualmente sabido que a assim chamada razão (Vernunft) tinha feito valer os seus direitos e rejeitado a fé baseada na autoridade... (HEGEL, 1996, p.391)

A razão, que está na base das afirmações sobre o Absoluto, passa a ser assim uma forma de negação deste mesmo Absoluto, segundo os teólogos, e por isso a filosofia é vista com suspeita. Como diz Hegel em relação a este preconceito: “*A religião e mais precisamente os teólogos ignoram a filosofia, só para não serem contraditos na sua maneira arbitrária de raciocinar*” (HEGEL, 1996, p.425). Se há um conflito entre filosofia e religião, este conflito é só aparente, pois na verdade estas têm em comum o mesmo objeto, o absoluto, diferindo apenas na forma, o conflito surge como resultado da compreensão equivocada dos teólogos que pensam a religião a partir das categorias do entendimento (Verstand) e não segundo a razão (Vernunft). Como se deu então o desenvolvimento da teologia segundo Hegel?

A teologia medieval é, segundo Hegel, uma mistura de filosofia e saber derivado da fé, para o filósofo de Stuttgart, os primeiros Padres da Igreja conceberam verdadeiros conhecimentos especulativos apesar destes se fecharem dentro do âmbito da doutrina da Igreja, assim como os Escolásticos, sua filosofia era verdadeiramente teologia, estes saberes estavam, pois submetidos às verdades estabelecidas pela autoridade da Igreja, ou seja, seu saber não resultava do livre desenvolvimento do idéia e do conceito, mas era algo sempre pressuposto¹¹.

¹¹ Hegel, Ibidem, 439.

Esse pressuposto que determina os enunciados da religião e mesmo da teologia é aquilo que Hegel já em seus escritos de juventude denominava positividade¹². A positividade se caracteriza pela determinação de verdades de fé pela autoridade eclesiástica de forma a desconsiderar a autonomia e a capacidade racional do homem¹³. A teologia cristã é, pois saber positivo, finito. Hegel em seus escritos juvenis descortina todo o desenvolvimento da positividade no judaísmo e no cristianismo, reconhecendo neles o caráter histórico da religião cristã.

Em relação à teologia moderna, é necessário dizer que esta se distingue da filosofia, porque a teologia fundamenta-se em um saber abstrato do entendimento (Verstand). Este saber do entendimento estriba-se numa compreensão particular da realidade, o entendimento não consegue conceber a realidade em sua totalidade e suas relações, mas através da separação, de representações estanques sem referência ao todo. O entendimento é incapaz de resolver as aparentes contradições que surgem no desenvolvimento imanente da idéia. A teologia moderna, assim como o deísmo ou religião natural, são formas desta reflexão abstrata. “*A filosofia opõe-se, em vez, ao chamado racionalismo (Rationalismus) da nova teologia, que fala sempre duma razão (Vernunft) que é somente árido intelecto (trockener Verstand)*” (HEGEL, 1996, p.434).

Hegel, em oposição a seus contemporâneos, os quais ora defendiam uma perspectiva da religião enquanto saber imediato (Jacobi), ora como um apêndice a moralidade (Kant)¹⁴, ora ainda como sentimento de dependência em relação ao universo (Schleiermacher)¹⁵. Em Hegel, encontraremos novamente um saber sobre Deus por meio da filosofia, agora, porém é a teologia que deve prestar contas à filosofia de seu saber sobre Deus. Ele fundamenta a concepção cristã do absoluto na representação (Vorstellung), categoria específica da religião, tendo este mesmo conteúdo em comum com a filosofia, Deus ou o Absoluto, embora difira na forma de concebê-lo. O filósofo alemão fará também uma dura crítica a chamada teologia abstrata que se fundamenta no entendimento para falar

¹² Cf. Hegel, *Escritos de Juventud*, Mexico, Fondo de Cultura Economica. Destacamos entre estes escritos *A Vida de Jesus* (Berna, 1795), *A Positividade da religião cristã* (Berna, 1797) e *O Espírito do Cristianismo e seu destino* (Frankfurt, 1799). Ver também nossa dissertação de mestrado *Cristianismo e Positividade no pensamento do jovem Hegel*, UFC, Fortaleza, 2007.

¹³ Hegel, *Introdução a Historia da Filosofia*, p.428-429.

¹⁴ Kant, I. *A religião nos limites da simples razão*, Lisboa, Edições 70.

¹⁵ Schleiermacher, F.D. *Sobre a religião*, SP, Novo Século.

de Deus, nesta podemos incluir as teologias racionais da modernidade, desde Descartes até Kant, embora este não conceba a possibilidade de uma teologia segundo a razão teórica, mas apenas postulados da razão prática.

Para o filósofo de Stuttgart, a filosofia é o saber do universal, do absoluto, da substância universal, enquanto Espírito. A filosofia alcança uma compreensão da realidade em sua totalidade em comunhão com a religião, na medida em que esta tematiza o absoluto, o substancial. O absoluto é pensado então como espírito (Geist), ou seja, como pessoa, enquanto manifestação de si mesmo, como processo, ele é o concreto, ou seja, o desenvolvimento que se dá na resolução de oposições dadas pelo próprio movimento de auto-diferenciação e auto-conscientização. O que difere, pois, a filosofia da própria religião não é tanto o conteúdo, pois este é o mesmo, Deus, a razão universal, o que as difere é o modo de apresentar este, que na religião se dá na forma da representação (vorstellung) e na filosofia na forma do pensamento e do conceito (Begriff).

Desta forma, o sistema hegeliano arroga-se para si uma compreensão mais ampla do real, na qual a religião é uma das formas de conceber o absoluto, como a arte e a própria filosofia, esta última como a forma mais acabada de compreensão deste absoluto, mas em sua forma própria que é o conceito. A filosofia hegeliana é, pois teologia em seu sentido mais próprio, enquanto é o saber (logos) de Deus (teos), o qual é apresentado em seu desenvolvimento na *Ciência da Lógica*¹⁶.

A tematização daquilo que é revelado na religião se dá pela compreensão que Hegel apresenta desta em sua filosofia da religião, onde os conteúdos da representação serão reconduzidos ao conceito. Segundo Hegel: “*Num estágio ulterior, a filosofia reconhece plena justificação que se deve dar ao conteúdo da religião através do conceito especulativo (spekulativen Begriff), isto é, através do próprio pensamento. Para alcançar este fim, importa que o conceito se tenha aferrado ao concreto e tenha chegado à espiritualidade concreta. Este deve ser o ponto de vista da filosofia do nosso tempo surgida no âmbito do cristianismo, e que não pode ter outro conteúdo senão o espírito do mundo (Weltgeist)*” (HEGEL, 1996, p.433-434).

¹⁶ Hegel, *Wissenschaft der Logik I, Werke 5 e 6*, Frankfurt, Suhrkamp.

Esse conceito especulativo é também denominado por Hegel de mística, isto é, a concepção de Deus como o uno e absoluto, em seu movimento de auto-conscientização na filosofia do espírito¹⁷. Será a filosofia que irá compreender as determinações da Idéia de forma substancial no e pelo pensamento, nela Deus é concebido enquanto ‘espírito e verdade’, ele é o espírito Absoluto e universal. O espírito só percebe o espírito, e se o milagre é a suspensão da natureza, logo só o espírito é o verdadeiro milagre¹⁸. A filosofia conhece, pois a essência não como algo exterior a si, como o faz as ciências e a teologia, mas enquanto este é o mesmo espírito que a concebe e é a essência.

Conclusão

Em suma, podemos chegar à conclusão que, em Hegel o lugar da teologia cristã não é mais aquele lugar privilegiado que esta teve na Idade Média, mas um lugar modesto, submetido à verdadeira compreensão da Idéia que se dá na filosofia, enquanto apreensão do processo de desenvolvimento desta em seus momentos.

A teologia ocupa lugar semelhante aquele das ciências naturais na medida em que estas se ocupam de determinações exteriores da substância universal, suas articulações permanecem apenas no âmbito formal e não na atividade livre deste. A religião concebe Deus como espírito no mundo, as diversas formas religiosas representam o absoluto enquanto resultado de um processo de tomada de consciência da liberdade, em primeiro lugar no mundo oriental, depois no mundo Greco-romano, e por fim, no mundo germânico, quando Deus será pensado segundo Lutero a partir da autonomia da consciência do crente, enquanto espírito presente na comunidade¹⁹.

A história será, segundo Hegel, o lugar onde Deus é pensado imanente a realidade, ela é teofania (manifestação de Deus) e teodicéia (justificação de Deus) ao mesmo tempo. O verdadeiro lugar da teologia é a compreensão de Deus no e pelo ‘*testemunho do Espírito*’ (Zeugnis des Geistes), enquanto se revela na história como espírito do mundo (Weltgeist).

¹⁷ Hegel, *Fenomenologia do Espírito*, Religião.

¹⁸ Hegel, *Ibidem*, p.429.

¹⁹ Idem, *Introdução a Historia da Filosofia*, p.430.

Referências bibliográficas

- ARISTOTELES, *Metafísica*, vol. II, (org.) Giovanni Reale, SP, Loyola, 2002.
- DESCARTES, *Meditações metafísicas*, tradução J. Guinsburg e Bento Prado Jr, SP, Nova Cultural, 1991.
- HEGEL, G.W.F. *Vorlesungen Über die Geschichte der Philosophie I (Werke 18)*, Frankfurt am Maim, Suhrkhamp Verlag, 1986.
- _____. *Introdução a Historia da Filosofia*, tradução brasileira de Euclidy Carneiro da Silva, SP, Hemus, 1983.
- _____. *Introdução a Historia da Filosofia*, tradução brasileira Antonio Pinto de Carvalho, SP, Nova Cultural, 1996.
- _____. *Escritos de Juventud*, México, tradução Zoltan Szankay e Jose Maria Ripalda, Fondo de Cultura Economica, 2007.
- _____. *Fenomenologia do Espírito* (volume único), tradução Paulo Menezes, Karl Heinz Efen e Jose Nogueira Machado, Petrópolis, Vozes.
- HUME, D. *Investigações acerca do Entendimento Humano*, tradução Anoar Aiex, SP, Nova Cultural, 1992 (Os pensadores).
- _____. *Diálogos sobre Religião Natural*, tradução Jose Oscar de Almeida Marques, SP, Martins Fontes, 1992.
- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*, tradução Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger, SP, Nova Cultural, 1996 (Os pensadores).
- _____. *A religião nos limites da simples razão*. Lisboa, Edições 70.
- SANTO AGOSTINHO, *A verdadeira religião / cuidado devido aos mortos*, tradução Nair de Assis Oliveira, SP, Paulus, 2002.
- SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Suma contra Gentios*, tradução João Luis Baraúna, SP, Nova Cultural, 2000 (Os pensadores).
- SCHLEIERMACHER, F.D. *Sobre a religião*, tradução Daniel Costa, SP, Novo Século, 2000.